

Volume 7, janeiro a junho de 2008

**ATIVIDADE GARIMPEIRA NO CREPURIZINHO (ITAITUBA-PARÁ):
POSSIBILIDADES E LIMITES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹**

Lúcia Helena Machado da Silva²
Rosália Sadeck dos Santos²
Flávio Bezerra Barros³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo socializar um estudo acerca da atividade garimpeira no município de Itaituba, Pará. O artigo faz uma discussão no âmbito das questões sociais, econômicas e ambientais que norteiam esta atividade. Traz ainda uma reflexão a partir das possibilidades e limites da Educação Ambiental, no sentido desta atuar como um instrumento transformador da realidade socioambiental local.

Palavras-chave: Atividade garimpeira, Amazônia, Educação Ambiental.

ABSTRACT

The present work has as objective to socialize a study concerning the activity goldwasher in the city of Itaituba, Pará. The article makes a discussion in the scope of the social matters, economic and environmental that guide this activity. It still brings a reflection from the possibilities and limits of the Environmental Education, in the direction of this to act as a transforming instrument of the local socioambiental reality.

Keywords: Activity goldwasher, Amazon, Environmental Education.

¹ Este artigo é uma versão parcial do Trabalho de Conclusão de Curso das duas primeiras autoras.

² Licenciadas em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

³ Orientador. Docente-pesquisador da UFPA/Campus de Altamira. Doutorando em Biologia da Conservação pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. E-mail: flaviobb@ufpa.br.

Introdução

A atividade extrativista mineral no Brasil ocorreu somente no final do século XVII, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, com a descoberta de diamante e ouro em Minas Gerais pelos bandeirantes, preparando o século XVIII para o primeiro ciclo do ouro no Brasil. Somente em meados do século XX, foram descobertas as primeiras jazidas de ouro na região do Tapajós. De acordo com Pinto (1993) em 1958 são descobertos os primeiros depósitos de ouro na região do Tapajós, no rio das tropas, período em que a economia desta região estava voltada para atividade extrativista da borracha e outros produtos silvestres. A partir da descoberta desse novo viés do extrativismo na região do Tapajós, essas atividades de coleta foram sendo substituídas pela garimpagem de ouro.

A atividade garimpeira tem uma representatividade significativa para Itaituba, município localizado na região sudoeste do Estado do Pará. Esta atividade contribui na formação dos aspectos econômicos, sociais e políticos, haja vista esse município ter tido seu crescimento econômico no auge do segundo ciclo do ouro (décadas de 1970 e 1980).

Na década de 1970, com a implantação das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá e através dos projetos de colonização, a sociedade de Itaituba, assim como sua economia, começaram a modificar-se em ritmo acelerado. Nada ficou alheio às relações e atividades sociais, tudo se modificou e o município assumiu seu papel de centro comercial da província aurífera do Tapajós. O crescimento econômico do município de Itaituba, a partir da década de 1980, é atribuído à atividade garimpeira, período no qual ocorreu o apogeu da extração de ouro na região do Tapajós. A garimpagem é uma das atividades que ajuda no crescimento econômico de Itaituba, visto uma parcela da população do município se manter através desse trabalho. Dados apresentados pela Receita Federal nos meses de janeiro a novembro de 2004, mostraram que foram comercializados um total de 2.125.809,66g de ouro no município, demonstrando o potencial econômico que esta atividade ainda tem.

Um dos vários garimpos que compõe a região do Vale do Tapajós é o garimpo do Crepurizinho, localizado no km 150 da rodovia Transgarimpeira, descoberto em 1962 e que ainda hoje mantém sua atividade de mineração, em sua maioria, através da exploração de filões de ouro à aproximadamente 20m de profundidade.

O garimpo do Crepurizinho teve seu apogeu no período de 1983 a 1990. No final da década de 1990, a descoberta de ricos filões deu um novo estímulo à região, o que possibilitou ainda a garimpagem atualmente na região, sem contudo conseguir a mesma proporção da década de 1980. A garimpagem no Crepurizinho não levou, nem leva em conta, as condições

humanas em que trabalham e vivem os garimpeiros, assim como despreza a conservação dos recursos florestais e hídricos, o que gera uma devastação ambiental.

Percebendo-se a falta de políticas públicas voltadas para amenizar/solucionar os problemas socioeconômicos e ambientais causados por essa atividade produtiva, este trabalho tem sua relevância porque discute sobre essa problemática, onde o ser humano é o principal responsável pelos impactos ambientais e pela continuidade dessa atividade, não considerando a possibilidade do esgotamento dos recursos naturais. Este trabalho teve a intenção de contribuir para a sensibilização desses problemas por parte dos atores locais e buscar o fortalecimento da cidadania na comunidade do Crepurizinho, com base nos princípios da Educação Ambiental.

Materiais e Métodos

A região do Vale do Tapajós há muitos anos é considerada a maior região produtora de ouro do País. Entretanto, uma atividade de extração mineral sempre traz conseqüências, às vezes mais prejudiciais do que benéficas para a sociedade e principalmente ao meio ambiente.

Por se tratar de uma região extensa, foi escolhido para o estudo o garimpo do Crepurizinho, localizado no município de Itaituba, no Pará (06°50'00"s, 56°35'18"w) (PRIMAZ, 1996). Foram descritos alguns aspectos sociais, econômicos e ambientais desta atividade, a fim de identificar e analisar os entraves da efetivação da Educação Ambiental, assim como suas possibilidades para proporcionar melhoria na qualidade de vida dos moradores do Garimpo do Crepurizinho.

O estudo não incluiu todas as frentes de trabalho que existem no Crepurizinho. Foram visitadas quatro áreas do garimpo: a) Garimpo do Boiadeiro; b) Garimpo do Sr. Tolentino; c) Garimpo do Sr. Luiz Preto e d) a própria vila onde mora a maioria das pessoas. Estes foram escolhidos por se encontrarem mais próximos da vila, o que facilitou o acesso, bem como sendo os garimpos que estavam em maior ritmo de trabalho.

Os primeiros contatos foram feitos com as lideranças locais, sendo necessária para obter o acesso aos demais sujeitos da comunidade em estudo, bem como a cooperação de alguns órgãos que realizaram atividades de pesquisa neste garimpo, um contato prévio com a SEMMA (Secretaria Municipal de Mineração e Meio Ambiente) e AMOT (Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós). Foram realizadas visitas *in loco* (10 a 13 de agosto de 2005) para que através da observação direta fosse feita a caracterização do local assim como os registros fotográficos das atividades ali desenvolvidas. Durante visita ao campo foram levantados dados qualitativos, através de entrevistas informais e semi-estruturadas, utilizando-

se de gravação de áudio e aplicação de questionários estruturados com moradores da comunidade pesquisada e garimpeiros; proprietários dos garimpos e representantes das compras de ouro.

No intuito de abranger uma diversidade maior de informações, as entrevistas se estenderam as ONG's (Organizações não-Governamentais) do município no que competem suas atribuições. Foi também por meio de entrevistas semi-estruturadas que se verificou e analisou as percepções dos garimpeiros, empresários e da comunidade frente aos impactos ambientais causados pela garimpagem de ouro. Ao mesmo tempo, diagnosticou-se os impactos socioeconômicos provocados à sociedade local pela prática da extração de ouro, proporcionando dessa forma, melhor compreensão da visão do sujeito sobre a questão em estudo.

Dentro desta perspectiva, buscou-se identificar e analisar qual o papel desenvolvido nesta comunidade pelo poder público e por organizações representativas da sociedade civil, bem como, os garimpeiros e empresários.

Aspectos sociais

Ao todo foram realizadas quarenta (40) entrevistas e dentro deste universo pôde-se constatar que 45% dos moradores dessa comunidade têm procedência da região Nordeste, 40 % são da região Norte e 15% da região Centro-Oeste do Brasil.

Grande parte dessa migração pode-se atribuir à política de integração da Amazônia pelo Governo Federal, a fim de resolver o problema da seca no Nordeste na década de 1970, assim como as construções das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá.

Diante das entrevistas realizadas, percebeu-se que o sonho de enriquecer não passou disso, visto que, na comunidade estudada são raríssimos os casos de “bamburros”⁴. Dos que conseguiram ganhar algum dinheiro com a exploração do ouro, poucos conseguiram administrar seu patrimônio e acabaram perdendo tudo, retornando ao garimpo em busca do sonho.

Outro fato que contribui para acentuar os problemas sociais na região garimpeira são os baixos níveis de instrução escolar, visto que a média de anos estudados é de 4,67, o que acarreta a falta de perspectivas de melhores condições de trabalho, novas técnicas ou em alternativas de emprego, pois seu aprendizado está limitado à prática do dia-a-dia.

⁴ Termo usado para identificar o garimpeiro que se encontra cheio de dinheiro ou que tem bastante ouro.

Constatou-se que na comunidade do Crepurizinho há carência de profissionais para desempenhar funções como: mecânico, eletricitista, pedreiro, encanador, professor, entre outras. Em virtude dessa carência, observou-se alguns leigos exercendo atividades profissionais em áreas que geralmente se exigem uma qualificação, como: professor que apenas concluiu o ensino fundamental, farmácias onde se fazem atendimentos hospitalares (partos, primeiros socorros, curativos, suturas, exame de malária, prescrição de receitas entre outras atividades) por profissionais não capacitados. Segundo a SEMECD (Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto) e da SEMSA (Secretaria Municipal de Saúde), o principal entrave para solucionar tais problemas são a falta de recursos financeiros e dificuldades de acesso ao Crepurizinho, o que inviabiliza muitas vezes o trabalho dessas secretarias.

O que foi vivenciado tanto na comunidade quanto na SEMECD, foi que quase nada é feito para se ter uma educação de melhor qualidade. Os professores do Crepurizinho não possuem orientações pedagógicas para trabalhar com a realidade local, nem as condições mínimas necessárias para funcionamento da escola (água encanada, energia, material didático, material de expediente, etc.) são garantidas.

Em entrevista com o coordenador da vigilância sanitária da SEMSA, foi relatado que as atividades começaram a ser desenvolvidas naquele garimpo a partir de 2003 e estão pautadas em campanhas de multivacinação, atendimentos médicos e fiscalização da vigilância sanitária. Nessas oportunidades, são realizadas orientações (palestras) sobre os problemas de saúde mais evidentes na comunidade, como malária, hanseníase, leishmaniose, tuberculose e DST's (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

De acordo com o representante da SEMSA, esses problemas de saúde são causados por vários fatores, entre eles a falta de higiene na comunidade (saneamento básico), condições precárias de alimentação, resistência aos meios preventivos de combate as doenças, atribuindo a dificuldade em absorver as informações necessárias de prevenção e de continuidade dos tratamentos ao baixo nível de instrução da população. Em face dessa realidade, Santos (1993) comenta:

Entretanto, a carência de saúde de nossas populações ultrapassa os limites desse único enfoque, se estende pelos domínios das outras causas de doenças, e penetra no universo das relações humanas, onde, além dos fatores de natureza tóxica (como mercúrio, os desfolhantes, adubos químicos, praguicidas, etc.), e biológica (como malária, hepatite, DST, etc), teremos que considerar outras variáveis, como aquelas de natureza sócio-econômica, demográfica e cultural.

Diante do exposto, o entrevistado deixou claro que ainda há necessidade de serem realizadas muitas ações nas áreas de garimpo, entretanto é preciso haver uma articulação entre as Secretarias de Educação, Saúde e Mineração e Meio Ambiente. Para ele, as maiores dificuldades encontradas para desenvolver essas atividades na comunidade do Crepurizinho é o difícil acesso.

Foi verificada a presença significativa de mulheres no garimpo, exercendo diversas profissões, entre as quais destacam-se: professoras, vendedoras de cosméticos, manicures, comerciantes, agente de saúde e cozinheiras, demonstrando a força do trabalho feminino em área de garimpo. São as mulheres que estão tentando organizar uma associação (Clube de Mães) a fim de reivindicar melhorias para a comunidade. Para Rodrigues (1993):

As mulheres trabalhadoras esperam através de prestação de serviços nos garimpos auferir vantagens que possam garantir em primeiro lugar a manutenção do grupo familiar, filhos e mães viúvas, que se encontram em cidades próximas aos garimpos ou então no seu lugar de origem. Também objetivam adquirir bens, imóveis.

Quanto à questão da prostituição, sua presença é evidente, visto existir várias boates na vila, entretanto, sentimos uma certa resistência por parte das prostitutas em abordar o assunto, até mesmo em participarem das entrevistas.

Dentro desse contexto de abandono na qual a sociedade local se encontra, leva-se a pensar que os interesses dos governantes em manter essa situação desprivilegiada, se dão em benefício de alguns segmentos em manter a relação explorado/explorador. Sobre isso afirma Procópio (1992): “Faz parte de um jogo em que tanto a exploração do ouro como a de outros minerais nobres está atrelada à critérios e exigências imediatistas de uma ordem inscrita nas relações Norte X Sul”.

Para identificar os impactos sociais na qual essa comunidade vive, questionou-se quais seriam as prioridades necessárias para que a população do Crepurizinho tivesse condições de vida melhor. A educação foi o item mais mencionado, que reivindicam uma melhor qualificação dos professores, construção de uma escola com estrutura adequada, fornecimento regular de merenda escolar, bem como a presença de técnicos da SEMECD na comunidade. A saúde foi outro item lembrado.

Dos garimpeiros entrevistados, o que chamou atenção foi à média de idade de 43,8 anos, dos quais 46,7 % são casados ou tem outro tipo de relacionamento, assim como a média

de tempo no garimpo ser de 17,6 anos, o que nos levou a perceber que esses garimpeiros já viveram boa parte de suas vidas se expondo aos malefícios que o garimpo causa ao homem, entre os quais se destacam: condições de moradia inadequada, malária, contaminação através do uso de mercúrio, falta de equipamentos de segurança no trabalho, bem como os impactos emocionais causados pela vida dura e pelo longo período de convivência nessa pseudo-sociedade, um ambiente que se resume em seu barraco e aos outros garimpeiros.

Uma outra questão percebida nas entrevistas realizadas junto aos garimpeiros da área em estudo, foi a apropriação da força de trabalho. Por se considerar um homem livre e querer sua liberdade, esse homem acredita que o sistema de remuneração através de porcentagem é melhor que ter um vínculo empregatício (carteira assinada).

Diante disso, nota-se a ilusão que o garimpeiro tem de sociedade como dono da produção, acreditando na igualdade de oportunidade, deixando de perceber a exploração de seu trabalho.

Aspectos ambientais

As explorações do ouro realizadas nos garimpos do Crepurizinho são práticas fundamentadas a partir de modelos de garimpagem mecanizada (desmonte hidráulico, bico-jato, moinhos e dragas) e manual de forma ainda precária, o que ficou evidente nessa pesquisa foi a falta de um acompanhamento técnico; o garimpeiro trabalha dentro de conhecimentos adquiridos em sua vida profissional.

Os enfoques dados aos danos causados ao meio ambiente pela garimpagem, sempre estiveram voltados para o uso do mercúrio e seus malefícios, contudo, o que se verificou na pesquisa é que os prejuízos ambientais vão além dessa questão.

Outras formas de poluição ambiental foram observadas durante a visita *in loco* ao garimpo do Crepurizinho, das quais se podem destacar: degradação florestal, alteração nos rios e córregos, rejeitos sólidos provenientes da mecanização.

Com relação aos impactos causados pela degradação florestal, o que se constatou nas entrevistas realizadas com os garimpeiros, foi a visão que eles possuem de que sua atividade provoca desmatamento, visto ser necessária para exploração das áreas a serem trabalhadas, entretanto justificam que esses danos são pequenos frente aos que a pecuária provoca. Apesar dos garimpeiros afirmarem que o desmatamento causado pela atividade restringe-se as áreas que serão exploradas, na realidade acaba atingindo as matas ciliares, não havendo nenhuma preocupação com sua recuperação ou com reflorestamento, ocasionando uma alteração à biota local. Nesse contexto, Pinto (1993) comenta:

Este desequilíbrio entre o trabalho do homem e natureza tem provocado protesto de muitos grupos ecológicos nacionais e internacionais que denunciam a garimpagem por promover a devastação da floresta e dos ecossistemas sem produzir maiores benefícios ao homem.

Durante a visita feita, percebeu-se a presença de fazendas que desenvolvem a pecuária, o que vem contribuindo para o avanço do desmatamento na região. Esse investimento vem sendo feito pelos próprios donos de garimpo que buscam alternativas para assegurar o capital ganho na exploração do ouro.

Quanto aos impactos causados pela garimpagem aos rios e córregos do Crepurizinho, verificou-se que não há nenhuma preocupação em amenizar sua degradação, que acontece através do uso do mercúrio, do desvio e assoreamento de seus leitos, utilização de combustível e detergente. Apesar de várias pesquisas serem feitas em relação aos danos causados pelo mercúrio, entre os quais: a contaminação na cadeia alimentar (algas - peixes – homem) afetando as famílias ribeirinhas que têm como alimento básico o peixe, o que se percebe é que poucas providências estão sendo tomadas. O mercúrio ainda é muito utilizado pelos garimpeiros como forma de recuperar o ouro onde só uma pequena parte é utilizada para formar o amálgama (liga de ouro e mercúrio), sendo o restante lançado indiscriminadamente ao meio ambiente, assim como na queima para separação do ouro/mercúrio.

Nas entrevistas realizadas percebeu-se que há pouca ou nenhuma informação a respeito de um método para evitar ou diminuir o uso do mercúrio. O que se pode analisar é que as pesquisas feitas sobre o mercúrio não estão retornando como informação/orientação aos garimpeiros, que poderiam ser os maiores beneficiados e contribuidores para a diminuição da contaminação ambiental.

Em função dos filões com maior potencial de ouro ser encontrado próximo aos leitos dos rios, a garimpagem causa grandes impactos ambientais nessas áreas, pois há uma necessidade de se fazer um desvio alterando seu percurso, afim de explorar o minério ali presente. Além disso, há uma grande quantidade de rejeitos sólidos (lama) lançados nos rios acarretando o assoreamento, a alteração da coloração da água, o que prejudica a biota aquática.

Ficou evidente também, que com a alteração nos leitos dos rios, surgem vários lagos (poças) onde a água fica represada pelos rejeitos da atividade garimpeira, tornando-se focos de proliferação de mosquitos, bactérias e fungos, disseminando doenças infecciosas entre os garimpeiros. Outra forma de contaminação percebida nas áreas visitadas foi por meio dos derivados do petróleo (óleo lubrificante, óleo diesel), muito utilizados na garimpagem. Estes

são usados nos motores para a manutenção ou para o abastecimento. Por falta de cuidados, entram em contato com o solo e contaminam a água.

Diante dessa realidade, buscou-se saber de que forma os órgãos competentes ligados ao meio ambiente têm trabalhado nessas áreas para que sejam amenizadas essas questões. A atuação dos órgãos responsáveis em relação aos impactos ambientais causados pela garimpagem, ainda é pequena, contudo o que foi constatado, é que essas ações não têm chegado efetivamente aos garimpeiros. Visto nas entrevistas realizadas, a maioria dos entrevistados afirmou não ter conhecimento das atividades desenvolvidas por estas instituições.

Aspectos econômicos

No contexto do Crepurizinho, os benefícios que a garimpagem traz para essa comunidade são os empregos gerados por essa atividade, pois o que fica na vila são os rendimentos ganhos pelos garimpeiros. O ouro extraído nos garimpos do Crepurizinho é comercializado nas lojas de compra de ouro local, entretanto, são apenas filiais que repassam essa produção para o centro-sul, não havendo nenhum retorno para a melhoria da infraestrutura local, nem mesmo investimentos em novas técnicas para essa atividade. Da quantidade de metal extraído no município, deveria ser repassado 1% para a União, Estado e Município sendo que este teria direito de 65% desse percentual.

Em face dessa discussão o que se observou foi a fragilidade das leis que regem a atividade garimpeira, além da ineficiência dos órgãos responsáveis que contribuem para que a riqueza gerada pelos garimpos do Tapajós não permaneça aqui mas vá beneficiar outras regiões, tornando o município de Itaituba, que é rico em minérios, uma cidade pobre.

O contexto da Educação Ambiental

Durante a pesquisa detectaram-se as graves conseqüências que a garimpagem ocasiona ao meio ambiente, entretanto a proibição dessa atividade não seria a medida mais adequada a ser tomada. Faz-se necessário, nesse contexto, uma maior discussão sobre o assunto. Algumas ações poderiam ser adotadas no sentido de amenizar/solucionar esses impactos que a atividade gera ao meio ambiente, podendo citar a implementação de projetos voltados para Educação Ambiental.

Dentro dessa realidade vivida nos garimpos, percebe-se que a orientação/informação teria papel relevante para que ocorresse uma mudança na prática dos atores sociais envolvidos nessa atividade. Entende-se que a educação não é a única maneira

para solucionar os problemas ambientais causados pela garimpagem, porém é uma possibilidade de motivação e sensibilização aos sujeitos, a fim de transformar suas atitudes para terem uma melhor qualidade de vida. Em face dessa questão, o que se tem como realidade na área estudada é a falta de trabalhos direcionados para Educação Ambiental. Nas entrevistas realizadas com os garimpeiros e a comunidade do Crepurizinho, quando questionados se tinham conhecimento de algum projeto desenvolvido, quase todos afirmaram não ter conhecimento de nenhum trabalho direcionado para essa temática.

No que se refere aos órgãos municipais (SEMMA, SEMECD e SEMSA) não foi constatado nenhum projeto que esteja sendo desenvolvido. Faz-se necessário o fortalecimento da gestão ambiental no município. É preciso montar uma política local, uma lei que sirva como orientação e ajude na solução dos problemas ambientais locais.

Dentro dessa perspectiva, nota-se que a ausência dos órgãos envolvidos com a questão de licenciamento e fiscalização no município, como o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e a Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM), dificulta o controle dos impactos ambientais causados pela garimpagem. A presença dessas instituições nas regiões garimpeiras e uma parceria com os órgãos municipais poderia beneficiar no desenvolvimento de atividades relacionadas com a prática da Educação Ambiental.

Quanto à atuação da SEMECD, na questão de projetos de Educação Ambiental, não existe nenhum voltado para a vila do Crepurizinho. Entende-se que um dos entraves enfrentados por essa secretaria é a forma como as áreas garimpeiras estão distribuídas dentro da estrutura da SEMECD, pois estão ligadas ao setor da zona rural que segue os mesmos critérios educacionais da área urbana (currículo, calendário, materiais didáticos), não havendo nenhuma preocupação com a realidade do ambiente onde essas comunidades estão inseridas.

Essa necessidade de uma proposta de educação diferenciada se pauta no que afirma Dias (2003):

Recomenda-se a elaboração do perfil ambiental da comunidade ou instituição para a qual será planejado, executado e avaliado um projeto ou programa de EA. O perfil ambiental, sob uma abordagem da ecologia humana, fornece subsídios importantes para um planejamento seguro, mais próximo das carências reais.

Ao se discutir sobre a atuação dos órgãos em relação às atividades desenvolvidas de Educação Ambiental, não se pode deixar exclusiva a AMOT, uma Associação que está

diretamente ligada aos garimpeiros e que no momento desenvolve apenas um projeto em parceria com órgãos internacionais.

Diante do exposto, nota-se que a Educação Ambiental poderia vir assumir seu papel como ferramenta para ajudar na solução dos problemas ambientais, sendo a AMOT mediadora na construção desse projeto, aproximando-se mais dos garimpeiros e de sua realidade, incentivando e orientando na organização dessa classe social, visto ser esta entidade a representante da classe garimpeira e que, contudo, não mantém um vínculo com seus associados.

Portanto, o que se percebe é que quase nada tem sido feito no campo da Educação Ambiental no Garimpo do Crepurizinho. Os esparsos fragmentos de atividades desenvolvidas pautam-se em pesquisas na busca de dados, elaborados por órgãos longe da realidade local, sem a preocupação de sanar os problemas socioambientais daquela comunidade.

Considerações finais

O garimpo do Crepurizinho por ter surgido como consequência da garimpagem, trouxe consigo um contingente de pessoas que tinham como único objetivo enriquecer. Não estavam preocupados com os males sociais, econômicos e ambientais que essa busca poderia ocasionar. Passados anos dessa exploração desordenada o que se pode notar são os problemas socioambientais que essa atividade causou à comunidade.

Os remanescentes da corrida do ouro hoje sofrem com o abandono social em que se encontram; faltam políticas públicas voltadas para atender as necessidades básicas como: educação, saúde, saneamento e até mesmo uma estrada que possibilite a inter-relação da população com o resto do município e o mundo.

Dessa forma existe a necessidade de uma atuação das instituições envolvidas na causa garimpeira, no sentido de superar esses entraves. Uma dessas propostas seria a efetivação da Educação Ambiental junto à comunidade garimpeira, trabalhada de forma articulada entre os órgãos governamentais e ONG's. Nesse sentido, a Educação Ambiental deve ser trabalhada como um processo de permanente aprendizagem crítica e inovadora, não se restringindo apenas a Educação formal. Faz-se necessário que se trabalhe a Educação de forma mais ampla, dentro de sindicatos, associações, etc, em busca de alternativas que visem melhorar a relação do ser humano com a natureza.

As atividades a serem trabalhadas precisam levar em consideração a realidade, a cultura e o nível escolar dos sujeitos envolvidos. Contudo, é importante ressaltar que são

poucos os trabalhos desenvolvidos com a intenção de amenizar/solucionar os impactos socioambientais causados pela garimpagem na comunidade do Crepurizinho.

Referências bibliográficas

DIAS, G. F. Educação Ambiental: Princípios e Práticas. 4ª ed., São Paulo: Gaia, 2003.

PINTO, J. A. Garimpagem: contribuição ao desbravamento e à ocupação da Amazônia. *In*: MATHIS, A; REHAAG, R (Orgs.). Conseqüências da Garimpagem no âmbito social e ambiental da Amazônia, págs 27-35, Belém: CEJUP, 1993.

PROCÓPIO, A. Amazônia, ecologia e degradação social. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1992.

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO MINERAL DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA- PRIMAZ, CPRM, SEICOM e Prefeitura Municipal de Itaituba (Orgs.), [S.l.], 1996.

RODRIGUES, R. Mulheres no Garimpo. *In*: MATHIS, A; REHAAG, R (Orgs.). Conseqüências da garimpagem no âmbito social e ambiental da Amazônia, págs.149-155, Belém: CEJUP, 1993.

SANTOS, E. O. Garimpagem e saúde. *In*: MATHIS, A; REHAAG, R (Orgs.). Conseqüências da garimpagem no âmbito social e ambiental da Amazônia, págs 36; 37, Belém: CEJUP, 1993.